Data: 22.07.2011
Titulo: Cerco à BACTÉRIA
Pub: SOL
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 66
Área: 452cm²/ 50%
Tiragem: 62.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 3729115

# Cerco à BACTÉRIA

*Cientistas chineses começaram a sequenciar o genoma do E. coli e dispuseram os dados online. Hoje dezenas de grupos investigam a bactéria e partilham a informação*

Texto de **RICARDO NABAIS**

**OS MORTOS CONTAM-SE** às dezenas e os infectados ou hospitalizados com sintomas graves às centenas, de uma forma preocupante, um pouco por todo o Hemisfério Norte.

Não está em jogo um grande cataclismo ou uma guerra de proporções avantajadas. É uma criatura microscópica, ainda por cima alojada em alimentos básicos para a saúde humana, que tem causado o frenesi. Não passa de uma bactéria, naturalmente presente nos nossos intestinos e que lhes facilita algumas funções essenciais.

O pior é quando ocorre um descontrolo a partir de uma mutação dessa bactéria. Daí o desalinho mundial em torno de algo tão pequeno quanto o *E. coli*.

Perante o cenário, o anúncio da sequenciação e da descodificação do genoma desta estirpe mortal da bactéria devolveu a esperança ao mundo. E não passou de uma questão de dias. Uma equipa chinesa, do Instituto Genómico de Pequim (IGP), conseguiu sequenciar o genoma a partir de amostras purificadas do ADN de *E. coli* encontradas em doentes de um hospital universitário alemão.

Em apenas sete dias, o grupo localizou perto de cinco mil genes. Mas não guardou a descoberta para si. Os louros dividem-se, neste caso, por várias outras equipas às quais a descoberta foi chegando com a rapidez de um vírus.

E esta contaminação benéfica só foi possível porque os cientistas do IGP puseram logo os dados informáticos que continham a sua parte da sequenciação na *internet*.

O passo seguinte foi imediato. O grupo oriental fez notar pelo Twitter que os dados estavam disponíveis e apenas 24 horas depois informáticos de uma empresa privada de Granada (Espanha) aplicavam os seus sistemas para descodificar a sequência chinesa e descobrir as funções dos genes.

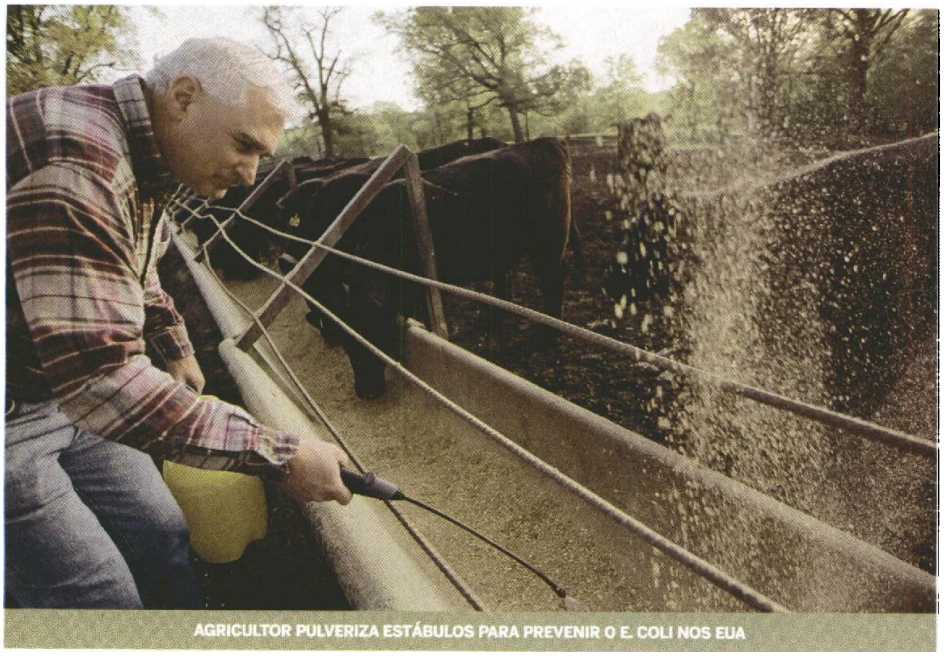
Após algumas noites sem sono, o trabalho prosseguiu, sempre partilhado pela *internet*, para abrir a grupos de outros países a possibilidade de contribuírem.

Actualmente, mais de 20 grupos partilham conhecimento sobre esta estirpe do *E. coli* a partir desta e de outras amostras. Os genes mais agressivos já foram identificados.

## O risco persiste

Mas o caminho a percorrer só agora começou. Há **«alguns anos de trabalho a fazer até chegarmos a um tratamento»**, nota Manuela Carolino, do Centro de Biologia Ambiental (CBA) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Falta conhecer a fundo as funções desses genes, criar uma terapia e testá-la. E esperar que não haja, no intervalo, mais mutações nesta estirpe.

Apesar das descobertas, aceleradas pela navegação cibernética, *há alguns anos de trabalho a fazer até chegarmos a um tratamento*



AGRICULTOR PULVERIZA ESTÁBULOS PARA PREVENIR O E. COLI NOS EUA

A imprensa espanhola rejubilou com a contribuição dos informáticos andaluzes. Não foi por acaso – recorde-se que o surto, com origem na Alemanha e rápida disseminação pela Europa Central e do Norte, teve primeiro os pepinos espanhóis como principais suspeitos. E ainda se fazem contas aos prejuízos.

As teorias da conspiração apimentaram-se, detonadas também pela atitude da Alemanha face à crise do euro e ao papel nela desempenhada pelos países do Sul. Pode ter sido por uma questão político-económica, considera Manuela Carolino, mas o mais provável é ter sido um **«simples engano»**. Até lá, pode ser que a investigação, globalizada pela *internet*, traga novidades terapêuticas.

ricardo.nabais@sol.pt